



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO
E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE PEDAGOGIA-PARFOR/CAPES/UEPB**

IVANILSA FERREIRA DE OLIVEIRA

BULLYING, SUAS RAZÕES E EFEITOS: uma proposta de tolerância

MONTEIRO – PB

2014

IVANILSA FERREIRA DE OLIVEIRA

**BULLYING, SUAS RAZÕES E EFEITOS:
UMA PROPOSTA DE TOLERÂNCIA**

Trabalho de conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual
da Paraíba como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura
Plena em Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Otacílio Gomes da Silva Neto

MONTEIRO – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48b Oliveira, Ivanilsa Ferreira de.
Bullying, suas razões e efeitos [manuscrito] : uma proposta de tolerância / Ivanilsa Ferreira de Oliveira. - 2014.
34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia - PARFOR) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Otacílio Gomes da Silva Neto, Departamento de Letras".

1. Bullying. 2. Diagnóstico. 3. Tolerância. 4. Escola. 5. Criança. I. Título.

21. ed. CDD 371.58

Ivanilza Ferreira de Oliveira

Bullying, suas razões e efeitos: uma proposta de tolerância

Trabalho de conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual
da Paraíba como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura
Plena em Pedagogia.

Aprovada em 26/07/2014.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Orientador: Msc. Otacílio Gomes Silva Neto

Otacílio Gomes de Silva Neto

Prof. Examinador: Msc. Grygena dos Santos Targino

Grygena S T Rodrigues

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho “In memoriam” ao meu pai Israel Batista de Oliveira.

AGRADECIMENTOS

À Deus pela oportunidade de poder realizar mais um sonho.

A minha família por ter acreditado em meu potencial.

Aos professores que contribuíram para a minha formação intelectual, e em especial a Wesley e Rogério, que me ajudaram nos momentos de dificuldade e sempre me incentivaram na realização dos meus objetivos.

*Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós
ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos
sempre.*

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar o conceito de Bullying, segundo os teóricos mais recentes, bem como debater quais são as causas e os efeitos mais comuns para o fenômeno do Bullying. Os personagens desse embate são múltiplos. Existem os agressores, que são aqueles que praticam efetivamente os atos violentos, existem as vítimas, e existem os expectadores. Contudo, a caracterização do problema não é tão simples e maniqueísta. Os envolvidos nos atos de Bullying comumente passam de vítima à agressor, ou de expectadores à vítima ou agressor. As relações de poder em jogo, bem como o histórico pessoal, podem variar muito de caso a caso, deixando assim, uma situação complexa de diagnóstico. Entretanto, precisamos lembrar que o Bullying é diferente de outras formas de violência escolar, e como tal, pode-se estabelecer algumas características essenciais para seu diagnóstico. Repetição dos ataques sempre sob os mesmos alvos; reprodução da violência observada em casa, ou sofrida, para com os mais fracos, numa cadeia interminável de violência; comportamento autodepreciativo e autodestrutivo por parte das vítimas etc. Contudo, existem alternativas para o combate ao Bullying. É justamente pela falta de diálogo entre as partes que se permite a continuidade desse problema. Deste modo, as partes finais desse trabalho, se detém a apontar eventuais medidas de prevenção e combate ao Bullying escolar. Com base nos teóricos de renome na pesquisa sobre o Bullying, aliado a nossa experiência de Estágio, podemos traçar algumas medidas que busquem assegurar a integridade e o respeito dos alunos, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente prevê, principalmente por causa do entendimento de quão grave é o problema do Bullying para a formação e desenvolvimento desses futuros seres humanos.

Palavras chave: Bullying, diagnóstico, tolerância, escola, criança.

ABSTRACT

This work aims to present the concept of bullying, according to the most recent theoretical, as well as discuss what are the most common causes and effects of the phenomenon of bullying. The characters of this clash are multiple. There are the aggressors, who are those who actually practice violent acts, there are victims and there are viewers. However, the characterization of the problem is not so simple and Manichean. Those involved in acts of bullying often switch from victim to aggressor, or from viewers to victim or even the aggressor. Power relations at play, as well as personal history, can vary greatly from case to case, thus leaving a complex situation of diagnosis. However, we must remember that bullying is different from other forms of school violence, and as such, one can establish some essential features for its diagnosis. Attack's repetition always under the same target; reproduction of observed violence at home, or suffered, to the weakest, in an endless chain of violence; self-deprecating and self-destructive behavior by victims etc. However, there are alternatives to combat bullying. It is precisely the lack of dialogue between the parties that allows the continuation of this problem. Thus, the end of this work, at the final parts, stops to point out possible measures to prevent and combat school bullying. Based on the renowned theoretical research on Bullying, combined with our experience of internship, we can draw some measures that seek to ensure the integrity and respect of the students, just like to the Statute of the Child and Adolescent forsee. Mainly because of the understanding of how severe the problem of Bullying is in the formation and development of these future humans.

Keywords: Bullying, diagnosis, tolerance, school, child.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O QUE É BULLYING?.....	12
1.1 Os envolvidos diretamente: agressor, vítima, expectador	13
1.2 Os tipos de Bullying	15
2. CAPÍTULO II: PROBLEMATIZANDO O <i>BULLYING</i>	17
3. CAPÍTULO III BULLYING: VIOLÊNCIA E TOLERÂNCIA.....	21
4. CAPÍTULO IV BULLYING: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DA REALIDADE	25
4.1 Como reconhecer os envolvidos	26
4.2 Promovendo a tolerância na escola	27
5.CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

Lamentavelmente a violência é um elemento recorrente na história humana. Dentre as muitas formas de violência existentes, uma se destaca para os profissionais da educação: o *Bullying*. Esta é uma palavra da língua inglesa que caracteriza um tipo de violência específica, que embora não se dê apenas no âmbito escolar, é nele que ocorre com mais frequência. É diferente de outros tipos de violência por ter como marcas principais a perseguição, a repetição dos atos de *Bullying* sempre sob o mesmo alvo, e acima de tudo, por deixar marcas indeléveis no sujeito perseguido, especialmente porque na maioria dos casos, se trata de uma criança.

A pesquisa dentro do tema do *Bullying* se faz notavelmente importante quando levamos em consideração o papel da instituição escolar no que toca a formação de cidadãos preparados para viver pacificamente em sociedade. Boa parte dos envolvidos no *Bullying* são crianças que ainda não tem suas personalidades completamente definidas. Estão em um período em que muito do que acontece em suas vidas nessa idade, se refletirá posteriormente em suas vidas. Portanto, para que a escola e seus profissionais educadores possam efetivamente assegurar que seus alunos venham a ter as suas integridades físicas e moral respeitadas, é necessário que se conheça muito bem como o *Bullying* se dá, e como podemos preveni-lo e combatê-lo.

Associado a essa importância, existe o fato de que o problema do *Bullying* é algo praticamente enraizado na sociedade, muitas vezes por causa de uma atitude complacente sobre o tema. Diariamente crianças são discriminadas, perseguidas, humilhadas, segregadas, agredidas e estigmatizadas por colegas de sala de aula e, às vezes, até mesmo por professores. “No âmbito escolar, a discriminação pode envolver professores, funcionários, familiares e alunos, sendo qualquer um desses o agente discriminador” (BITTENCOURT, 2009, p.237).

Enquanto, muitas dessas situações ocorrem, alguns dizem que não passa de brincadeira de criança, no entanto, conforme veremos no primeiro capítulo desse trabalho, o problema do *Bullying* é algo muito sério, diferente de outras formas de violência e com consequências terríveis para suas vítimas.

O problema da violência escolar é um problema praticamente universal. Inclusive, Fante (2005) explica que “o comportamento agressivo e violento nas escolas é hoje um fenômeno social complexo e difícil de compreender, por afetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente as crianças de todas as idades, em todas as escolas

do país e do mundo” (FANTE, 2005 p. 168). O fato da grande incidência do *Bullying* nas escolas, reforça a ideia de que é necessário que se estude o máximo possível a temática do *Bullying*. Pois, somente quando se tem um entendimento apurado do assunto, pode-se perceber quais são os sinais de sua presença, prevenindo assim, as intimidações e as tantas outras consequências do *Bullying*.

Portanto, neste trabalho procuramos defender a conscientização dos profissionais da educação sobre a gravidade do fenômeno do *Bullying*, e desse modo possam atuar na luta contra esse tipo de violência. Violência esta, que é minimizada por muitos e por isso mesmo não é tratada. É consenso dos especialistas do tema que é necessário criar um ambiente de paz nas escolas. É necessário criar-se um ambiente propício a paz, ao respeito pelo outro, ao respeito pela diferença.

Para tanto, este trabalho monográfico se dividirá basicamente em dois momentos para tentar descrever detalhadamente o que é o fenômeno do *Bullying* e fazer uma proposta de intervenção na realidade escolar, em favor de práticas e técnicas que promovam a paz e a boa socialização entre os alunos. O primeiro capítulo dissertará sobre como alguns autores definem o *Bullying*, sobre quem são seus praticantes e, sobre quais são as eventuais causas e efeitos deste na vida das vítimas. Para o segundo capítulo, comentamos sobre as ligações entre violência e as formas de se pensar a tolerância e o respeito entre iguais. Ao terceiro capítulo, trataremos da experiência do Estágio Supervisionado e como ela nos proporcionou enxergar novas possibilidades de lidar com o fenômeno do *Bullying* em nossa região. Principalmente sobre quais são as possíveis saídas para o combate ao *Bullying*, desde ações de comunicação entre professor e alunos, até medidas de prevenção e combate realizadas pela comunidade escolar.

Capítulo I

O que é bullying?

Somente nas últimas décadas do século passado os estudos sobre esse tema ganharam maior relevância. Principalmente por conta de alguns casos extremos de violência em escolas, que despertaram o interesse geral para as causas de tal violência. Por exemplo, nos Estados Unidos, o caso do *Massacre de Columbine* foi decisivo para elevar o debate público sobre o tema do *Bullying*, visto que mais tarde descobriram que os dois jovens assassinos haviam sofrido com *Bullying*, e que fora por motivo de vingança que eles fizeram o que fizeram. Da mesma forma, Fante (2005) relata que somente após alguns casos de suicídio entre jovens na Noruega, é que o governo norueguês se dispôs a investir maior esforço em campanhas de estudo e prevenção do *Bullying* escolar.

Muito embora, a violência escolar não seja um fenômeno novo, é preciso salientar novamente que o fenômeno do *Bullying* é diferente de outras formas de violência. O *Bullying* caracteriza-se por ações agressivas, intencionais e repetidas. Sempre numa relação desigual de poder. Concomitantemente, Fante (2005) define o *Bullying* como sendo “um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de ‘brincadeiras’ que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar” (FANTE, 2005 p. 29).

Ao mesmo tempo, Nogueira (2005) considera que:

O bullying acontece entre jovens e crianças de todas as classes sociais, e não está restrito a nenhum tipo determinado de escola. Por violência entre pares entendem-se maus-tratos, opressão, intimidação e ameaças que ocorrem de forma intencional e repetida. Isso inclui gozações, apelidos maldosos e xingamentos que magoam profundamente a criança e pode causar sérios prejuízos emocionais, como perda de autoestima e exclusão social (NOGUEIRA, 2005 p.101).

O *Bully*, isto é, o valentão que pratica o *Bullying*, se aproveita de eventuais fragilidades do outro, para nele exercer autoridade e opressão. Assim, o *Bullying* não pode ser confundido como simples brigas de crianças, pelo contrário, ele é uma crueldade sistemática, regular e sádica. Tratam-se de insultos, apelidos cruéis, gozações, ameaças, acusações injustas, as hostilidades chegam a ponto de levar a vítima à total exclusão. Seja por meio de sofrimento físico ou por meio de sofrimento psicológico. Nesse sentido, Lopes Neto (2005) explica:

O bullying é classificado como direto, quando as vítimas são atacadas diretamente, ou indireto, quando estão ausentes. São considerados bullying direto os apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal estar aos alvos. São atos utilizados com uma frequência quatro vezes maior entre os meninos. O bullying indireto compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, sendo mais adotados pelas meninas (LOPES NETO, 2015 p. 166).

Assim, fica claro que o *Bullying* pode ocorrer de várias formas. Todavia, seja de qual tipo for, o *Bullying* acarreta sérias consequências. Como por exemplo, o aumento do abandono escolar, reduz o clima de segurança sentido por todos na escola, bem como compromete seriamente a qualidade da aprendizagem, e conseqüentemente o futuro daqueles que sofrem o *Bullying*. Isto, quando não falamos em alterações comportamentais, ou em casos mais graves, o suicídio.

Embora seja comum que existam tensões e certos conflitos em sala de aula, não deve-se esperar que o *Bullying* seja algo normal e tolerado. Quando existe em sala de aula “um agressor em potencial, ou vários deles, seu comportamento agressivo influenciará nas atividades dos alunos, promovendo interações ásperas, vccmentes e violentas” (FANTE, 2005 p.47). Deste modo, faz-se necessário que conheçamos detalhadamente quem são e como agem aqueles que praticam e aqueles que sofrem de situações de *Bullying*.

1.1 Os envolvidos diretamente: agressor, vítima e expectador

Dentro do ambiente escolar, assim como em outros, o *Bullying* se configura tendo três sujeitos em sua ação: o agressor, a vítima e o expectador. Sendo que a relação entre os dois primeiros, costuma ser ambivalente. Isto é, aquele que sofre de algum tipo de perseguição violenta, pode vir a transforma-se em reprodutor do mesmo tipo de violência. Só que desta feita, para com alguém mais fraco.

O típico valentão, que na língua inglesa é o *Bully*, costuma ser aquele indivíduo impopular, impulsivo, emocionalmente instável. Por causa de seus próprios problemas emocionais, muitas vezes oriundos da deficiência parental de seus pais ou responsáveis. É justo nesses problemas que inconscientemente, o agressor reflete a violência e instabilidade de seu lar. “Se há na classe um aluno que apresenta características psicológicas como ansiedade, insegurança, passividade, timidez, dificuldade de impor-se e de ser agressivo, e com frequência se mostra fisicamente indefeso, [...] ele logo será

descoberto pelo agressor” (FANTE, 2005, p.48). É contra este lado mais fraco nesta relação de poder, que o típico agressor tenta explorar.

A fraqueza do outro é vista pelo agressor como sendo a sua força e superioridade. Não raro, ele consegue atrelar outros para aumentar ainda mais a hostilização contra a vítima. Inclusive, ao procurar escolher um alvo que apresente certas fraquezas, muitas vezes o *Bully* contribui para agravar uma situação preexistente de baixa estima e de outros problemas.

As vítimas, em contrapartida, podem ser reconhecidas por possuírem alguma marca que os estigmatizem. Seja algo de sua aparência, ou condição física, ou qualquer coisa que seja de algum modo deficiente e estranha aos demais. Outra característica é a falta de reação contra as investidas do agressor, ou talvez uma reação que não seja suficiente para rechaçar as ofensivas deles. As vítimas em geral são sujeitos inseguros, submissos, com dificuldades de se inserir nos grupos de seus colegas. Com tudo isso, acaba por se tornar um alvo fácil para os agressores.

Além do mais, na maioria das vezes sofrem caladas. Seja por vergonha, seja por medo de denunciar seus agressores. O que provoca um efeito ainda mais devastador, pois a situação de perseguição tende a não ter fim, pois, se os agressores sabem que a vítima não irá nem se defender adequadamente, nem denunciá-los, eles continuam os abusos. Com o passar das muitas agressões, a vítima passa a tanto se isolar por conta própria, quanto a ser cada vez mais isolada pelos outros, que não querem estar na companhia destes. A vítima do *Bullying* por muitas vezes sofre em silêncio, o que faz parecer que não há problema algum. Tornando assim, mais difícil que os adultos em seu redor, possam ajudá-la.

Quanto ao terceiro grupo dos envolvidos com o *Bullying*, os expectadores, podemos dizer que se trata dos outros alunos, ou colegas, que presenciam as situações de abuso, mas simplesmente não fazem nada para ajudar. Eles sabem da existência dos valentões e de quem são as vítimas mais comuns, no entanto, seja por medo de elas mesmas virem a se tornar vítimas, ou por simples descaso, não fazem praticamente nada. “A forma como reagem ao *Bullying* permite classificá-los como auxiliares [participam ativamente da agressão], incentivadores [incitam e estimulam o autor], observadores [só observam ou se afastam] ou defensores [protegem o alvo ou chamam um adulto para interromper a agressão]” (LOPES NETO, 2005 p. 168).

1.2 Os tipos de Bullying

O *Bullying* acontece de maneira cada vez mais física conforme menor a idade dos participantes. Isto é, na medida em que os agressores vão crescendo e entrando na adolescência, as formas de *Bullying* antes predominantemente em forma de violência física, passam a ser mais ligadas a discriminação verbal. Embora essa seja a principal diferenciação entre os modos de *Bullying*, não podemos afirmar que se trata de uma mudança benéfica, pois as agressões verbais são tão danosas quanto as físicas, se não até ainda mais traumáticas. Pois, questionam a identidade e a auto estima da vítima, comprometendo assim, suas capacidades de conviver consigo mesmo e com os outros.

O *Bullying* consiste em violências físicas, verbais, opressão, humilhação, xingamentos, palavras de baixo calão, conduta discriminatória, levantar a carteira para o outro cair, pegar pertences sem pedir consentimento, e outras formas regulares de perseguição. Boa parte das agressões se dão no fora da vista dos adultos. Muitas vezes na hora do intervalo das aulas.

Por exemplo, ficar na fila da merenda no lugar do agressor e, só depois de servi-lo, ficar livre para entrar novamente na fila e se alimentar; ou ser obrigado a dar ou dividir seu lanche; ou ter que pagar a agressor refrigerantes ou qualquer outra coisa da cantina; ou ser levado a pagar em dinheiro valores que não deve; ter de dar figurinhas ou outros materiais ... Isso entre outras barbaridades, como ser obrigado a chupar balas e chicletes encontrados no chão, comer a merenda misturada com detergente ou pó de giz, beber água misturada com perfume ou outro ingrediente, fazer pose de cachorrinho .. Enfim, são muitos os tipos de maus-tratos que os alunos sofrem nas escolas e que passam despercebidos dos adultos (FANTE, 2005 p.64).

Boa parte das agressões feitas, são ligadas as diferenças na aparência das vítimas. Seja a cor ou tipo de cabelo, a roupa, alguma característica física incomum, ou pelo menos diferente dos demais. É justo a diferença que não é tolerada. O agressor não tolera a existência daquilo que é diferente, de quem é diferente a norma. A partir da escolha desses que possuem algum traço característico diferente dos demais, e se este vier a demonstrar alguma outra fragilidade, está feita a escolha, e as agressões e perseguições físicas e verbais tendem a não terminar.

É comum que se pense que a violência é exclusividade dos meninos, todavia, as meninas também cometem *Bullying*. Mas, as garotas são mais discretas quando cometem as agressões, manifestadas na maioria das vezes em formas de boatos, exclusões, sussurros, que no entanto magoam e causam consequências emocionais assim como as agressões físicas e verbais.

Existe também o que muitos chamam de *Cyber Bullying*. Este acontece quando a agressão e a intimidação a um colega ocorrem por meio do uso da tecnologia e da Web (computadores, celulares e outros dispositivos eletrônicos). Ferramentas virtuais como blogs, redes sociais, programas de mensagens instantâneas, espaços virtuais, são utilizados para a prática de comentários maldosos e gozações. Muitas vezes são feitas chantagens, para que não se revele um segredo que venha a expor a intimidade de alguém. O que eventualmente acontece.

Capítulo II

Problematizando o *Bullying*

É consenso para os pesquisadores do fenômeno do *Bullying*, que a causa primordial para que crianças se comportem dessa forma é o tipo de modelo educativos a que ela é exposta. Quando existe violência e hostilidade em seu lar, as crianças tendem a imitar o comportamento de seus genitores. Aliás, a violência que testemunham e sofrem, tomam como modelo de comportamento. Em seguida, ao ter contato com outras crianças, ela dá início a um processo cíclico de agressão, sofrimento e réplica. É o que Fante (2005) chama de Síndrome dos Maus-Tratos Repetitivos, conforme Fante:

Essa síndrome é oriunda do modelo educativo predominante, introjetado pela criança na primeira infância. Sendo repetidamente exposta a estímulos agressivos, aversivos ao seu psiquismo, a criança os introjeta inconscientemente ao seu repertório comportamental, transformando-se posteriormente numa dinâmica psíquica mandante de suas ações e reações (FANTE, 2005 p. 62).

Quando não cuidado, o problema do *Bullying* simplesmente se alastra, como numa reação em cadeia. Onde os mais fortes repetem as mesmas violências sofridas, sob os maus fracos. Muitas vezes, a principal razão, se é que há alguma, é o agressor tentar se auto afirmar como autoridade, ou com forma de ser notado. Demonstrando assim, suas grandes carências afetivas, e suas inseguranças pessoais, frutos de problemas anteriores a escola. Além disso, a agressão física por parte do *Bully*, denota a sua falta de destreza no uso da língua, se ele não consegue fazer uso coerente da faculdade da comunicação, ele parte para o uso de abusos físicos como forma de se auto afirmar.

Em somatória ao acima desenvolvido, adicione as essas carências, a falta de uma orientação humanista, que valorize a diferença, a convivência pacífica com os outros, independentemente das suas diferenças. Certamente ausência de estímulos à tolerância no convívio com os semelhantes é fator decisivo na gênese do agressor. Preconceitos comuns no meio em que vive, fomentam a reprodução dos mesmos por parte do agressor. Elementos como:

religião, raça, estatura física, peso, cor dos cabelos, deficiências visuais, auditivas e vocais; ou é uma diferença de ordem psicológica, social, sexual e física; ou está relacionada a aspectos como força, coragem e habilidades desportivas e intelectuais (FANTE, 2005 p.63).

Não são poucas as sequelas para aqueles que sofrem das agressões do *Bullying*. Sintomas como depressão, angústia, baixa autoestima, evasão escolar, e até mesmo o suicídio são frequentes nesses casos. Sem mencionar que a vítima passa a estar muito propensa a tornar-se um adulto com problemas de relacionamento, por causa da insegurança provocada ao longo de anos de perseguição. Os traumas causados pelo *Bullying*:

[...] afetam todos os envolvidos e em todos os níveis, porém especialmente a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar. Pode trazer prejuízos em suas relações de trabalho, em sua futura constituição familiar e criação de filhos, além de acarretar prejuízo para a sua saúde física e mental (FANTE, 2005, p. 79).

Naturalmente, cada vítima irá reagir a essas violências de uma forma diferente das outras. Algumas delas conseguem obter níveis aceitáveis de superação ao trauma, outras não. A superação do trauma vivenciado, depende das características individuais, do seu relacionamento consigo mesmo e com a sociedade, principalmente com sua família. Mesmo assim, as dificuldades emocionais dos alunos podem alterar suas relações sociais com professores e colegas e dificultar seriamente sua aprendizagem. Entre elas se encontram a percepção da falta de afeto, o isolamento social, a tristeza prolongada, o sentir -se marginalizado e maltratado. “As conseqüências para as vítimas desse fenômeno são graves e abrangentes, promovendo no âmbito escolar o desinteresse pela escola, o déficit de concentração e aprendizagem, a queda do rendimento, o absentismo e a evasão escolar” (FANTE, 2005 p.44).

Fante (2005), resume assim alguns distúrbios que podem se desencadear nas vítimas do *Bullying*:

- Afeta o comportamento, a construção de seu pensamento e a sua inteligência;
- Gera pensamentos negativos e de vingança;
- Baixa autoestima;
- Dificuldades de aprendizagem;
- Queda no rendimento escolar;
- Transtornos mentais e psicopatologias graves.

Isso pode gerar problemas graves no tocante ao ensino-aprendizagem no tocante aos problema da evasão e da repetência, pois as vítimas podem se sentir desmotivadas para estudar no ambiente escolar. Por isso, a prevenção ainda é o melhor remédio para proteger as nossas crianças e adolescentes.

Por outro lado, também se faz necessário um acompanhamento dos agressores com assistência profissional, como psicólogos, por exemplo, os educadores, e o mais importante: a família. Ninguém nasce violento. A violência pode ter causas principalmente psicológicas devido ao mal ambiente família, e sociais, devido às precárias condições de vida de grande parte da população de nosso país. Isso gera determinados tipos de comportamentos que caracterizam o agressor, conforme Fante (2008, p.81).

o agressor (de ambos os sexos) envolvido no fenômeno estará propenso a adotar comportamentos delinquentes, tais como: agregação a grupos delinquentes, agressão sem motivo aparente, uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos, indiferença à realidade que o cerca, crença de que deve levar vantagem em tudo, crença de que é impondo-se com violência que conseguirá obter o que quer na vida.

Já as testemunhas de atos de *Bullying*, que abrange a maioria dos alunos, estes podem sentir-se inseguros e ansiosos, podendo desta forma comprometer o seu processo socio educacional.

É importante distinguir as situações de abuso que podemos enquadrar no *Bullying* de outras manifestações agressivas esporádicas, que não são propriamente *Bullying*, como as habituais brincadeiras brutas, grosserias ou brigas que, muitas vezes ocorrem entre colegas no âmbito escolar. Deve-se observar, que é frequente nas relações entre semelhantes o surgimento de divergências que geram conflitos e maus-tratos entre eles e elas, sem que devam ser considerados situações de abuso ou intimidação propriamente ditas.

Deste modo, existem critérios básicos para se poder diferenciar o *Bullying* de outras formas de violência escolar. Um dos primeiros pesquisadores do *Bullying*, Dan Olweus, da Universidade de Bergen, Noruega, especificava pelo menos três características básicas. Que são: ações repetitivas contra a mesma vítima num período prolongado de tempo; desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ausência de motivos que justifiquem os ataques.

Este primeiro critério, o da repetição contínua dos atos de violência, provavelmente é mais importante para determinar e caracterizar o *Bullying*. Se aquele xingamento é repetido praticamente todo dia ao longo de algum tempo, certamente se trata de *Bullying*. O mesmo vale para qualquer outra forma de assédio, violência física, humilhações, etc.

No que dizer ao segundo critério, o desequilíbrio de poder, é necessário dizer que até certo ponto; conflitos que evoluem para brigas, uso de palavrões e palavras de baixo calão, motivadas por conflitos de interesses, são normais. Acontecem em todo lugar. Contudo, esses conflitos precisam ter um equilíbrio de forças para que não sejam taxados de *Bullying*. É preciso que haja uma igualdade de condições, físicas ou psicológicas, entre os grupos em disputa. No assédio escolar, ou *Bullying*, há uma desigualdade entre o assediador e o assediado, que não encontra uma maneira de se defender e se submete ao poder da outra parte.

O terceiro requisito para a caracterização do *Bullying* é a falta de motivos aparentes para as agressões. O *Bully* não age por vingança, nem porque vai conseguir algum tipo de lucro por agredir seus semelhantes. Ele bate e xinga apenas pelo prazer de se estabelecer como mais forte, como superior.

Sabendo-se distinguir corretamente quais são as ações que configuram o *Bullying* e quais não, é necessário ponderar sobre como nós utilizamos essa palavra. Não podemos simplesmente banalizar indiscriminadamente o uso da acepção de *Bullying*, pois como vimos, nem todo tipo de violência é *Bullying*.

Capítulo III

Bullying: violência e tolerância

O que vem a ser exatamente violência? Como defini-la no contexto escolar? Responder a essas duas perguntas não é tarefa fácil. Pois, o conceito de violência tem uma enorme ambiguidade nos nossos dias. Mesmo assim, é possível dizer que em situações comuns de violência, a violência é um confronto entre dois lados opostos que buscam objetivos diferentes. É claro que o lado que perde esse embate, é o lado que terá sua dignidade e liberdade retirada. A marca prevalecente da violência é que ela desrespeita o outro. Ela nega a existência do outro. Fazendo com que sua vítima seja submetida pela força física ou pela força psicológica aos desejos e vontades do outro, em detrimento dos seus. O dicionário Houaiss define violência como sendo:

1 Qualidade do que é violento; 2 Ação ou efeito de empregar força física ou intimidação moral contra; ato violento; 3 Exercício injusto ou discricionário, ser. ilegal, de força ou de poder; 4 Força súbita que se faz sentir com intensidade; fúria, veemência; 5 Rubrica: termo jurídico. Constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação; 6 Derivação: por extensão de sentido. Cerceamento da justiça e do direito; coação, opressão, tirania (HOUAIS, 2001).

Embora esta forma de encarar a violência seja a mais comum, ela faz com que nós simplifiquemos os processos de formação e disseminação da violência. Pensar que a violência está sempre nos outros, faz com que esperemos sempre uma solução dos outros. Nos impede de buscarmos as soluções para os nossos problemas, nos impede de fazermos um diagnóstico da realidade e em seguida, propor alternativas para tentar solucionar o problema.

Vivemos em uma sociedade em que a violência predomina nas formas midiáticas assim como nas muitas formas de convívio humano. São poucas as ações de promoção da paz na nossa cultura. Na maioria das vezes é a violência que é exaltada como virtude e excelência daqueles que supostamente tem força superior. Deste modo, cabe fazermos a seguinte pergunta: é este mundo que desejamos para nós? Não podemos pensar a violência sem deixar de perceber que ela também é parcialmente nossa. A resolução de uma situação que incomoda passa pela ação efetiva de cada um de nós mesmos. Se pensarmos que a violência é um problema externo, somente pensaríamos em soluções externas.

A realidade é que a escola também produz violência. Seja de forma direta, ou através de imitação. Não obstante, uma cultura de paz surge a partir da necessidade do

ser humano se mostrar como conhecedor de sua realidade e de suas possibilidades de mudança da realidade. Para tanto, é preciso fazer uso da civilização e do respeito ao seu semelhante.

Interessante notar que para aqueles que trabalham na educação, os documentos oficiais que regem os objetivos e procedimentos da educação no Brasil, comentam de modo enfático o quão importante é cuidar para que as crianças na escola pública, possam desfrutar de um ambiente propício a paz. Por exemplo, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): Apresentação dos Temas Transversais e Ética (BRASIL, 1998), a escola pode trabalhar o respeito mútuo nas suas traduções específicas do convívio escolar, e isso, evidentemente sem prejuízo de se trabalhar regras gerais de convívio, como por exemplo, não bater no colega, não insultá-lo, não humilhá-lo. Além disso, os PCNs argumentam que:

[...] deve ser feito um destaque para preconceitos e desrespeito freqüente entre os alunos: aqueles que estigmatizam deficientes físicos ou simplesmente os gordos, os feios, os baixinhos etc., em geral traduzidos por apelidos pejorativos. Nesses casos o professor não deve admitir tais atitudes [...] não se trata de punir os alunos, trata-se de explicar-lhes com clareza o que significa dignidade do ser humano, demonstrar a total impossibilidade de se deduzir que alguma raça é melhor que a outra, trata-se de fazer os alunos pensarem e refletirem a respeito de suas atitudes (BRASIL, 1998 p. 8).

Ao mesmo tempo, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), nos artigos 15, 16, 17, 18 toda criança tem direito de ser respeitada, de ter sua dignidade resguardada de qualquer forma de discriminação:

A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis; O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos [...] participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação; [...] O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor. (BRASIL, 1990)

Dessa maneira, estes dois documentos falam sobre como o estudante tem direito a um ambiente pacífico e livre de discriminação. E nisto está incluído todas as formas de agressão que o *Bullying* costuma apresentar. Sendo assim, a escola e seus educadores precisam cada vez mais exercitar a tolerância. Contudo, “a noção de tolerância que contribui para uma verdadeira Educação para a Paz é aquela que tem o sentido positivo, de ser ativa, embora não deva ser utilizada para justificar ações violentas ou preconceituosas” (FREIRE, 2004 p. 2).

Entretanto, em termos estritos, o que é tolerância?

Em 1995, a ONU divulgou a Declaração de Princípios sobre a Tolerância, – que embora tenha claramente o objetivo de abordar a tolerância entre os povos, é evidente que também se aplica a tolerância entre indivíduos – a qual logo em seu primeiro artigo especifica o conceito de tolerância, conforme transcrevemos logo abaixo:

1.1 A tolerância é o respeito, a aceitação e o apreço da riqueza e da diversidade das culturas de nosso mundo, de nossos modos de expressão e de nossas maneiras de exprimir nossa qualidade de seres humanos. É fomentada pelo conhecimento, abertura de espírito, a comunicação e a liberdade de pensamento, de consciência e de crença. A tolerância é harmonia na diferença. Não é só um dever de ordem ética; é igualmente uma necessidade política e de justiça. A tolerância é uma virtude que torna a paz possível e contribui para substituir uma cultura de guerra por uma cultura de paz.

Com essas palavras é possível dizer que tolerância envolve respeito e aceitação pela existência do outro. Não somente isso, mas também permitir a “harmonia na diferença”, da diversidade de opiniões e de formas de existir. Significa reconhecer e aceitar o outro, com todas as suas diferenças.

1.2 A tolerância não é concessão, condescendência, indulgência. A tolerância é, antes de tudo, uma atitude ativa, fundada no reconhecimento dos direitos universais da pessoa humana e das liberdades fundamentais do outro. Em nenhum caso a tolerância poderia ser invocada para justificar lesões a esses valores fundamentais. A tolerância deve ser praticada pelos indivíduos, pelos grupos e pelo Estado.

Além disso, a prática da tolerância inclui a noção de que todo ser humano tem a livre escolha de suas convicções. Ou seja, que cada indivíduo tem o direito de escolher as mais diversas formas de se apresentar como pessoa. Merece o respeito por qualquer que seja sua condição física, ou sua situação dentro da sociedade.

1.3 Em consonância ao respeito dos direitos humanos, praticar a tolerância não significa tolerar a injustiça social, nem renunciar às próprias convicções, nem fazer concessões a respeito. A prática da tolerância significa que toda pessoa tem a livre escolha de suas convicções e aceita que o outro desfrute da mesma liberdade. Significa aceitar o fato de que os seres humanos, que se caracterizam naturalmente pela diversidade de seu aspecto físico, de sua situação, de seu modo de expressar-se, de seus comportamentos e de seus valores, têm o direito de viver em paz e de ser tais como são. Significa também que ninguém deve impor suas opiniões a outrem. (FREIRE, 2004 p. 22).

São milhares de anos em que todo tipo de intolerância marcou a história humana. Sejam elas de caráter religioso, étnico, linguístico ou de outra forma, uma

coisa é clara: boa parte do temos em forma de intolerância hoje é fruto de milhares de anos de acúmulo de violências e desrespeito. Durante todo esse tempo, a intolerância alimentou (e ainda alimenta) as reações violentas dos indivíduos, instigou (instiga) perseguições sobre aqueles que pensam e vivem de forma diferente. Neste ponto, convém perguntar-nos: devemos tolerar os intolerantes? Seria a intolerância uma condição inerente ao ser humano?

Não permitir a segregação entre os indivíduos que são de alguma maneira diferentes. É justo o contrário disso, é promover a aceitação e o convívio pacífico entre os muitos tipos diferentes de modos de viver, os muitos tipos de aparência, e as muitas escolhas que cada um tem o direito de escolher.

Quando se tem conhecimento de causa, daquilo que se apresenta como diferente, como diverso a nossa identidade, pode-se praticar a convivência pacífica e proveitosa para ambas as partes. Isto é, somente quando abrimos mão de ideias pré-concebidas sobre o outro, e passamos a conhecer melhor as qualidades e características dele, que podemos adquirir uma experiência de real valor para todos os envolvidos. É preciso ter a mente aberta para o novo.

Ao mesmo tempo, ser tolerante não significa que estamos fazendo algum tipo de favor para com os outros supostamente em condições inferiores. Usar de tolerância é ter uma atitude ativa. Ter a liberdade de expressar seus valores religiosos e culturais. Enfim, tem o direito de viver em paz, e obviamente agir em prol desses mesmos direitos para com os outros.

Certamente, quando falamos de tolerância, temos de falar de intolerância. Pois uma está diametralmente ligada a outra. Até mesmo, podemos dizer que durante a história humana. Primeiramente, a resposta é um tanto óbvia, pois ser alguém tolerante não significa aceitar passivamente a disposição alheia. A tolerância tem seus próprios limites e meios de racionalizar as situações e seus sujeitos. Ser tolerante não significa aceitar como legítimo todo e qualquer ponto de vista do outro, principalmente quando indigno e injusto.

Ser tolerante não é desistir de seu próprio ponto de vista. Em segundo lugar, se a intolerância é algo natural, podemos afirmar sem medo, de que não, a intolerância não é inerente ao ser humano. Já que existem muitas pessoas que praticam a tolerância para com o próximo e vivem muito bem dessa forma. Inclusive, não são poucos os

programas governamentais que incitam práticas de tolerância e inclusão dentro da sociedade.

Vejamos, então, quais seriam algumas formas de se lidar com a violência e a intolerância escolar, principalmente a questão do *Bullying*, e que tipos de ações poderiam ser feitas – em parceria entre escola e outras instituições públicas, bem como sob a intensa participação do professor – para promover a paz na escola.

Capítulo IV

Bullying: uma proposta de intervenção da realidade

A escola é a instituição primordial nos processos de aquisição do saber formal. Entretanto, ela serve também para a apresentação e o contato dos indivíduos com diferentes culturas, comportamentos, através das relações que são travados no seu cotidiano. É claro que quando entra em cena as relações humanas, é evidente que cedo ou tarde acontecerão alguns tipos de choques. Sabendo que se deve esperar alguma forma de violência por parte do alunado, é natural que as escolas tenham por práticas, técnicas de prevenção à a violência. Especialmente no que diz respeito ao *Bullying*.

A escola na qual tanto observamos a prática docente de uma professora, quanto pudemos também experimentar a regência de uma turma, é uma Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental I e II. Além dos componentes básicos das séries iniciais do ensino, a escola oferece também os Projetos: Brasil Alfabetizado e Mais Educação.

Esta escola funcionava a priori apenas no período da manhã, assim atendendo apenas a Educação Infantil e o fundamental I, não existiam diretores instalados nas dependências da escola, todas as resoluções eram resolvidas pelos próprios professores em conjunto com as comunidades, assuntos de maior relevância e complexidade eram encaminhados para a secretaria de educação municipal.

Nos anos 90 o número de alunos aumentou, possibilitando a adição de novas turmas junto às demais já existentes na escola. Este fator marcante possibilitou a instituição uma direção escolar presente na escola e em coordenação com as comunidades. No período da tarde foram implementados espaços para o ensino

fundamental II e no período noturno a escola oferece a comunidade o projeto Brasil Alfabetizado.

No momento, esta escola atende a 166 alunos, que estão distribuídos da seguinte forma: 20 alunos (Educação Infantil); 77 alunos (Fundamental I), 69 alunos (Fundamental II). A população atendida atualmente é proveniente de zonas rurais periféricas, onde os pais dos alunos são muito carentes, apresentam baixa renda financeira, sendo composta por profissionais autônomos como: pedreiro, moradores de propriedades rurais, agricultores ou dependentes de Programas do Governo Federal.

No entanto, percebemos que esta escola não possui nenhum tipo de prática preventiva do *Bullying*. O que pode ser considerado por alguns como a realidade da maioria das escolas do país. Infelizmente, está uma situação lastimável, pois esse tipo de desatenção permite o alastramento dos casos de *Bullying* e as suas conseqüentes vítimas. E nesse sentido, cabe lembrar que a função da escola não apenas de transmissora de conhecimento, ou de ponto de encontro para os alunos, antes, ela tem uma função social. Função esta que está ligada a formação de cidadãos saudáveis e funcionais. Assim sendo, a nossa proposta de intervenção visa despertar a atenção de todos aqueles envolvidos com a educação, para este problema tão sério.

Deste modo, é possível traçar algumas ações que podem ser feitas para promover a paz e a tolerância dentro da escola. Primeiramente elencaremos alguns posicionamentos que esclarecem como reconhecer o problema do *Bullying*, isto é, como reconhecer os envolvidos. Depois falaremos sobre como agir diante dos flagrantes de *Bullying*. E por fim, encerraremos este capítulo com algumas ideias de como prevenir esse mal seja no nível da sala de aula, seja no nível de escola e família.

4.1 Como reconhecer os envolvidos

Não são poucas as estatísticas que apontam o a grande ocorrência de casos de *Bullying* na maioria das escolas no país. Não seria exagero afirmar que se trata de um problema endêmico, e praticamente não combatido.

A presença do fenômeno constitui realidade inegável em nossas escolas, independentemente do turno escolar, das áreas de localização, do tamanho das escolas ou das cidades, de serem as séries iniciais ou finais, de ser a escola pública ou privada. Isto significa que o *Bullying* acontece em 100% das nossas escolas. Ele é o responsável pelo estabelecimento de um clima de medo e perplexidade em torno das vítimas, bem como dos demais membros da comunidade educativa que, indiretamente, se envolvem no fenômeno sem saber o que fazer (FANTE, 2005 p. 61).

Então, é sensato ter como passo inicial do tratamento desse problema, o diagnóstico. Como reconhecer quando um aluno está passado pelas perseguições do *Bullying*? Bem, existem algumas características que são fundamentais para o reconhecimento desses indivíduos. Fante (2005) explica que caso as perguntas abaixo sejam respondidas afirmativamente, é possível estarmos diante de um aluno que passa por problemas com o *Bullying*.

- Durante o recreio está frequentemente isolado e separado do grupo, ou procura ficar próximo do professor ou de algum adulto?
- Na sala de aula tem dificuldades em falar diante dos demais, mostrando -se inseguro ou ansioso?
- Nos jogos em equipe é o último a ser escolhido? Apresenta-se comumente com aspecto contrariado, triste, deprimido ou aflito?
- Apresenta desleixo gradual nas tarefas escolares?
- Apresenta ocasionalmente contusões, feridas, cortes, arranhões ou a roupa rasgada, de forma não natural?
- Falta às aulas com certa frequência (absentismo)?
- Perde constantemente os seus pertences? (FANTE, 2005 p. 75)

Estes alunos que sofrem agressões ligadas ao *Bullying*, geralmente são alunos que demonstram algum tipo de fragilidade destacada, principalmente algum tipo de fragilidade emocional. Porque, embora a vítima do *Bullying* seja escolhida por causa de alguma característica que o diferencia dos demais, é a sua reação as implicações dos *Bullys* que vai determinar se eles continuarão a serem perseguidos.

É essencial que os adultos em volta desta criança, em especial os seus professores, prestem a devida atenção ao seu comportamento, para que consigam detectar algum tipo de mudança abrupta em seu comportamento. É muito comum que as vítimas não comuniquem a outros que estão sendo violentadas, assim, cabe a nós, manter a devida comunicação com estes menores, e claro, estar atento a essas características.

Da mesma forma, é possível reconhecer aqueles que praticam as agressões. A mesma autora, acrescenta as seguintes perguntas para o reconhecimento dos agressores:

Faz brincadeiras ou gozações, além de rir de modo desdenhoso e hostil?

Coloca apelidos ou chama pelo nome ou sobrenome dos colegas de forma malsonante; insulta, menospreza, ridiculariza, difama?

Faz ameaças, dá ordens, domina e subjuga? Incomoda, intimida, empurra, picha, bate, dá socos, pontapés, beliscões, puxa os cabelos, envolve-se em discussões e desentendimentos?

Pega dos outros colegas materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences, sem o seu consentimento? (FANTE, 2005 p. 75)

Ao reconhecer quem são as vítimas e os agressores, o professor pode atuar de maneira muito mais consciente transmitir o papel ético, que envolve a importância do respeito mútuo, do diálogo, da justiça e da solidariedade. Que tipo de cidadãos desejamos formar? A resposta vai depender do quão atentos estamos para identificar esse mal, e de como agimos para combatê-lo.

4.2. Promovendo a tolerância na escola

Em seguida, dentro dessa proposta de intervenção na realidade escolar com o intuito de promover a tolerância e a paz na escola, é justamente conscientizar pais e educadores sobre a importância do cultivo do respeito ao próximo, da tolerância com o diferente que deve ser o primeiro passo. Precisa-se que todos saibam e acreditem que “ser diferente” não é sinônimo de ser inferior. É o diálogo constante dos professores com os alunos e com a comunidade ao redor da escola, que acelera o combate e na erradicação da violência escolar. Segundo Lopes Neto (2005):

A inexistência de políticas públicas que indiquem a necessidade de priorização das ações de prevenção ao bullying nas escolas, objetivando a garantia da saúde e da qualidade da educação, significa que inúmeras crianças e adolescentes estão expostos ao risco de sofrerem abusos regulares de seus pares. Além disso, aqueles mais agressivos não estão recebendo o apoio necessário para desviá-los de caminhos que possam vir a causar danos por toda a vida (LOPES NETO, 2005 p.170).

Deixar de tomar medidas preventivas é o mesmo que ser omissivo e cúmplice. Quando há práticas constantes de conscientização contra a violência dentro da escola, certamente pode-se esperar uma diminuição dos casos de *Bullying*. A informação se torna então o primeiro passo ao combate à violência e ao silenciamento da vítima. É essencial que existam palestras com profissionais como conselheiros tutelares, policiais, pesquisadores da área, que abordem o tema da paz e da tolerância. Concomitantemente, o professor poderá também sugerir leituras literárias e textos atuais de jornais e revistas que auxiliem o rompimento dos preconceitos e que envolvam a sala de aula numa perspectiva de tolerância para com o diferente. Além disso, pode-se também trazer a leitura de textos que tenham como foco a promoção da amizade,

companheirismo e a inclusão. Bem como jogos lúdicos e apresentação de peças teatrais com a mesma temática, poderão diminuir a incidência de estranhamento e violência.

É evidente que o professor sozinho não tem condições para sanar todas as dificuldades enfrentadas ao lidar com o problema do *Bullying*. Fante (2010) explica que é sumariamente importante que a escola como um todo, mantenha vínculos de afetividade entre seus membros. Desde a direção e os professores, até todos os outros e funcionários e os alunos. Para que com isso, se consiga produzir um ambiente agradável e convidativo para as práticas educativas. Óbvio que quando este tipo de ambiente não existe entre os sujeitos que compõem a escola, para boa parte dos alunos, a escola se transformará em um lugar indesejado para se estar. Cheio de violência e conflitos que danificam fortemente o desempenho de aprendizagem deles, bem como o seu equilíbrio emocional.

Além do mais, não podemos nos esquecer da relevância que a formação continuada dos profissionais da educação oferece no combate ao *Bullying*. Mesmo aqueles profissionais que tiveram uma boa formação, precisam de cursos extras, que os auxiliem em aspectos específicos no trato diário com os alunos. São muitas as especificidades que surgem no dia a dia, bem como elementos novos, que não se aprende num curso de formação. Assim, é essencial que as instituições de educação invistam na formação continuada de seus profissionais. Inclusive, quando um profissional se vê posto diante de novos desafios em sua atuação, a sua autoestima, e conseqüentemente a qualidade e sucesso de seu trabalho, aumentará.

Somado a maior qualificação dos professores, sem sombra de dúvida, a participação da família é essencial para o sucesso de qualquer proposta antiviolência. Quando a escola aumenta ainda mais o diálogo entre seus educadores e os pais e responsáveis dos alunos, ela pode beneficiar-se grandemente, pois a família traz informações exclusivas sobre a realidade daqueles alunos problemáticos, e também sobre aqueles que sofrem *Bullying*.

Em contrapartida, a família precisa inteirar-se do que acontece com seus filhos durante a tutela escolar. Quando os pais são interessados no que a escola faz, como é o comportamento de seus filhos tanto nas aulas como nos horários antes e depois das aulas, eles podem ajudar enormemente na luta contra a violência, pois a é possível estabelecer um laço de cooperação entre pais e escola.

Segundo Fante (2010), uma excelente medida é a realização de assembleias regulares onde se discutam e reflitam o que aconteceu em matéria de violência no

intervalo de tempo entre uma assembleia e outra. Quais foram os conflitos que ocorreram, e porque ocorreram, como poderiam ter sido evitados. Espera-se que com o passar do tempo, reduzam-se os números de casos de perseguição ou intimidação; porque a ideia central desses encontros, é favorecer um clima participativo, de estímulo à aprendizagem sobre o outro, sobre como fortalecer as relações com o próximo.

É possível que se faça tanto encontros maiores com todo o corpo docente e discente, mas também em espaços menores de tempo, encontros somente entre o professor e seus alunos. Pois, com menos pessoas presentes, provavelmente é mais fácil para que alguns mais tímidos possam falar abertamente sobre se passaram por algum episódio de violência e, mesmo que não falem, é mais fácil para o professor identificar alguma alteração em seus alunos.

Dessa forma, pode-se criar o sentimento de comunidade entre todos, fazendo como todos se sintam responsáveis por suas condutas, gerando laços de solidariedade e de empatia, tão importante nos casos em que um aluno testemunha a agressão de outro. Sem falar, no sentimento de confiança que pode ser despertado na mente das vítimas, que passam a ter uma confirmação que algo está sendo feito para se parar as agressões, e que alguém pode escutá-los e fazer algo a respeito.

A mesma autora, ainda fala sobre como propor dinâmicas de trabalho grupais é extremamente útil para estimular o bom convívio entre os alunos. Nesse tipo de atividade, o professor ao mesmo tempo em que veicula um conteúdo curricular, incita a participação de todos e desta maneira, podem ser reveladas habilidades, talentos e potencialidades dos integrantes. Reveladas não apenas aos olhos do professor, mas também aos olhos dos demais alunos, o que é importante para o processo de valorização dos outros, independentemente de suas diferenças.

Todavia, o objetivo desse tipo de atividade só é atingido, quando todos participam, de maneira que é importante explicar e exigir que essas atividades sejam realizadas sempre em grupos, para que eles percebam como é trabalhar em grupo, cada um deve escutar as opiniões e contribuições do outro, para que todos possam vir a solucionar tensões de forma criativa. É por meio da cooperação, que todos dentro dos grupos exercitam a habilidade de depender e ajudar-se mutuamente, e podem alcançar um crescimento pessoal e social.

Ao mesmo tempo, o professor regente da turma deve planejar essas atividades em grupo, para sempre que possível temas como discriminação, inclusão, tolerância, e outros valores que favoreçam o respeito pelo próximo sejam veiculados nessas

atividades. Ainda mais, é de suma importância que o professor possa organizar e intervir nessas atividades em grupo para mediar eventuais conflitos. Estabelecer regras é primordial para o bom funcionamento dessas atividades. Regras que possibilitem a não ocorrência de marginalização de alguns, e que promovam a inclusão. Até mesmo, para fins de maior contato entre todos, o professor pode variar os membros dos grupos de maneira que depois de algum tempo, mude-se os membros do grupo de maneira aleatória.

Também, não é incomum o uso de obras literárias ou fílmicas, que abordem o tema da inclusão, amizade e tolerância, no ambiente escolar. Não apenas assistir ou ler tais obras, mas usá-las como ponte de abertura para um debate sobre os temas ali descritos e como podem ser aplicados nas circunstâncias da realidade deles, como grupo.

Para finalizar, é importante lembrar que perceber quais são as dificuldades que nossos estudantes passam no seu convívio social com os colegas de classe, é atitude obrigatória de todos os profissionais da educação. Assim, todas as iniciativas para combater o *Bullying* na escola, deve ser pensada a partir da compreensão da escola como um ambiente dinâmico e complexo. Cada aluno, cada turma, e cada escola tem suas particularidades. Quando a escola realiza ações de preparação dos seus funcionários, quando estes fazem ações de diagnóstico e combate à violência, estas particularidades devem ser levadas em consideração.

Acima de tudo, o envolvimento de todos que compõem a escola é fundamental para o sucesso na luta contra o *Bullying*. O que não é tão difícil, pois a grande maioria dessas ações são simples e de baixo custo, podendo ser incluídas no cotidiano das escolas de maneira cadenciada. Pode-se inserir os temas transversais em todos os momentos da vida escolar, e com isso conseguir-se resultados substanciais.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve por objetivo, proporcionar uma reflexão a respeito do *Bullying* e suas formas, através de uma análise dos dados bibliográficos de especialistas no tema, como por exemplo Fante (2005), Lopes Neto (2005) e Bittencourt (2009). Teve também por objetivo, apresentar uma proposta de intervenção na realidade escolar, através de algumas ações tomadas pela escola e pelos professores. Apesar de muitos banalizarem o uso do termo *Bullying*, o problema ainda não tem a devida atenção por parte da maioria das escolas no país. Pois o *Bullying* toma características de uma epidemia na instituição escolar como um todo.

É preciso que todos aqueles que trabalham diretamente com a educação, se conscientizem do que é *Bullying* e de como este fenômeno é diferente de outras formas de violência entre jovens e crianças. De como o *Bullying* se caracteriza principalmente pela reincidência dos ataques sobre o mesmo alvo. Sempre sem nenhum tipo de razão lógica, a não a do agressor se impor como dominador do grupo. O *Bullying* não é mera brincadeira de criança. Ele pode deixar marcas irreparáveis na vida de uma pessoa, como por exemplo, dificuldades de se relacionar, dificuldades de aprendizagem, reprodução da violência, isso quando não há casos de extrema violência contra si ou contra outros.

Percebemos também como é importante para a escola que deseja combater esse malefício social, rever suas práticas pedagógicas. Todos que fazem a escola precisam contribuir para a criação de um ambiente pacífico, onde os problemas são resolvidos e não apenas deixados de lado. Vimos que existem ações e práticas que promovem a tolerância e a resolução de problemas entre os alunos. Percebemos como a comunicação entre professores e alunos é essencial para o diagnóstico e o tratamento tanto das vítimas como dos agressores. Principalmente por causa do silêncio típico dos que foram agredidos, a necessidade de promover debates de conscientização, e abrir veículos de escuta para os agredidos, se torna não importante dentro de uma escola que promove a paz.

A conexão entre escola, família e instituições que promovem a tolerância e a paz na sociedade, é fundamental nesse processo de reconhecimento e combate ao *Bullying*. Somente com a participação de todos aqueles que forma a escola e daqueles que podem oferecer algum tipo de ajuda, é que um plano de ação pode estabelecer normas e diretrizes que não apenas condizem com a realidade local, mas que efetivamente possam atingir o sucesso em promover a paz e a tolerância.

De modo que, as ações de combate ao *Bullying* além de promover a conscientização do problema, de ter a participação do máximo de pessoas possível, precisa ser um projeto de longo prazo. Precisa ser continuado não apenas como medida corretiva, mas como medida preventiva a longo prazo. O fenômeno *Bullying* é complexo e de difícil solução, portanto é preciso que o trabalho seja continuado.

Educar para a paz deve ser a meta de todos os educadores. O universo escolar é o lugar privilegiado para realização e promoção da cidadania, para socialização, para formação de seres humanos preparados para a vivência em paz. A omissão de professores, pais e direção quanto à violência velado do *Bullying* também é agressão. Não se pode fazer de conta que esses fatos não acontecem em nossas escolas e deixar que o aluno sofra a agressão em silêncio. Por isso, acreditamos na importância que cabe à escola refletir e discutir assuntos que afligem a humanidade em seu dia a dia, dentre eles, podemos destacar como um dos temas mais urgentes e carentes para se debater, a violência e suas múltiplas formas de prevenção e suas possíveis repercussões no desenvolvimento da criança e do adolescente.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Lei Federal nº. 8.069/90, de 13 de julho de 1990. Brasília: Presidência da República, 1990.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v.8
- BITTENCOURT, Alex Avelino et al. **Sentimento de discriminação em estudantes: prevalência e fatores associados**. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 43, n. 2, abr. 2009.
- FANTE, Cléo. **Programa de enfrentamento ao Bullying no ambiente escolar: Campanha aprender sem medo**. Plan Brasil: São Luíz, 2010.
- FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. Ed. Ver, e ampl. Campinas, SP: Versus Editora, 2005.
- FREIRE, Nádia Maria Bádue. **Educação para a paz: um estudo psicogenético sobre a tolerância**. 2004. Tese (doutorado em educação). UNICAMP. Campinas, 2004.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LOPES NETO, Aramis A. **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes**. Jornal de Pediatria (Rio de Janeiro). 2005; volume 81(5Supl): S164-S172.
- MALDONADO, Maria Tereza. **Bullying e cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco?** São Paulo: Moderna, 2011.
- NOGUEIRA, R. M. C. D. P. A. **A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas**. Revista Iberoamericana de Educación, n. 37, p. 93-102, 2005.
- SILVA NETO, Otacílio Gomes da. **O embate entre razão e fé traduzidos nos discursos sobre a intolerância na modernidade: por uma pedagogia da liberdade**. In: V Colóquio Cidadania Cultural, 2011, Campina Grande. V Colóquio Cidadania Cultural - Livro de Resumos. Campina Grande: REALIZE, 2011. p. 54-54.